

POLIKUCHKA

1

— É como a senhora mandar! Só que tenho pena dos Dutlov. É uma boa família, todos eles, os rapazes; se não for incorporado nenhum servo doméstico, vai um desta família, certo e sabido — disse o administrador —, já toda a gente aponta para eles. Aliás, a senhora é que sabe.

E pôs a mão direita sobre a esquerda, mantendo ambas apoiadas na barriga, curvou a cabeça para o outro lado, franziu os lábios finos, tanto que por pouco não estalaram, revirou os olhos e calou-se, com a visível intenção de guardar silêncio prolongado e ouvir, sem objeções, todas as necessidades que a sua senhora lhe ia debitar.

O homem que, nesta tarde outonal, estava em frente da sua senhora era um administrador proveniente dos servos domésticos, rapado, vestindo uma sobrecasaca comprida com o corte típico dos administradores. A audiência consistia, no entender da senhora, em ouvir o informe sobre os recentes assuntos da sua gestão económica e dar ordens relativamente aos futuros. No entender do administrador, de nome Egor Mikháilovitch, o relatório consistia no ritual de se manter imóvel, de pés torcidos, no canto, com a cara virada para o sofá, de ouvir todo o género de tagarelice sem nexos nem ligação com o que interessava e de levar a senhora, por vários meios e o mais depressa possível, ao ponto de pronunciar com impaciência a resposta «está bem, está bem» a todas as sugestões de Egor Mikháilovitch.

Neste caso, tratava-se do recrutamento militar. Da aldeia Pokróvskoe deviam ser recrutados três homens. Dois deles eram indubitáveis, pela vontade do próprio destino, ou seja, da situação da família, da moral e também da economia. Relativamente a estes, eram impensáveis hesitações ou discussões por parte da comunidade, da senhora e da opinião pública. Mas o terceiro era problemático. O administrador tentava conseguir a isenção de Dutlov, de uma família com três homens trabalhadores e, no lugar dele, mandar Polikuchka, servo doméstico casado, homem de reputação muito má, apanhado por mais de uma vez em roubos de sacos, bridas e feno; ora a senhora, que dava muito carinho aos filhos esfarrapados de Polikuchka e que corrigia a moral dele por meio de sermões evangélicos, não queria entregá-lo à tropa. Ao mesmo tempo, não queria mal aos Dutlov, gente que nunca conheceu nem viu. Mas, por qualquer motivo, não havia meio de a senhora apreender a situação, e o administrador, por sua vez, não se atrevia a explicar-lhe sem rodeios que, se não fosse incorporado o Polikuchka, o recruta seria o Dutlov. «Não quero desgraçar os Dutlov», dizia ela com emoção. «Se não quer, pague então trezentos rublos para a isenção» — era isto que devia responder-lhe. Mas a prática política não lho admitia.

Sendo assim, Egor Mikháilovitch fixou calmamente os olhos na senhora, até se encostou discretamente à ombreira — conservando contudo na cara uma expressão servil — e contemplou os lábios da senhora a mexerem-se e os folhos da touca a saltitarem-lhe ao compasso da sombra na parede, debaixo da gravura. Ora, penetrar no sentido do discurso da ama, isso é que não achava necessário. Esta arengou muito e prolongadamente. O administrador sentiu uma convulsão de bocejo por trás das orelhas; mas, hábil, transformou esse tremor em tosse, cobrindo a boca com a mão e grasnando fingidamente. Há algum tempo, vi como Lorde Palmerston, sentado, tapava a cara com o chapéu enquanto um membro da oposição fulminava o ministério e como, de repente, se levantou e num discurso de três horas respondeu a todos os pontos da crítica; vi-o e não me admirei porque tinha assistido mil vezes a uma coisa semelhante entre Egor Mikháilovitch e a sua senhora. Fosse porque tinha medo de adormecer, fosse porque lhe pareceu que a senhora se deixava levar demasiado pelo palavrorio, mudou o peso do corpo do pé esquerdo para o direito e lançou-se no introito sacramental e costumeiro:

— A senhora é que sabe, só que... só que a comunidade está agora reunida ao pé do meu escritório, é preciso tomar uma decisão. A ordem diz que temos de levar os recrutas à cidade antes da Festa do Manto. Os camponeses apontam para os Dutlov, não há mais ninguém. Mas a comunidade não quer saber do interesse da senhora; que os Dutlov fiquem arruinados, à comunidade tanto lhes faz. Eu é que sei bem como eles mourejam. Desde que sou administrador, vejo a pobreza deles. Agora, por fim, o velho tem o sobrinho mais novo na labuta — mas não, serão outra vez entalados. Ora eu, a senhora sabe, cuido da sua propriedade como se fosse a minha própria. É pena, minha senhora, por amor de Deus!... Não são ninguém para mim, nem lhes levei nada...

— Não penso nada disso, Egor — interrompeu-o a senhora e pensou de imediato que o administrador fora subornado pelos Dutlov.

— ... só que é a melhor casa em toda a aldeia. Mujiques devotos, laboriosos. O velho há trinta anos que é zelador da igreja, não bebe nem pragueja com palavras obscenas, vai às missas. (O administrador sabia com que palavras podia cativá-la.) O principal é que o velho tem só dois filhos, os outros são sobrinhos. A comunidade aponta para ele, mas na verdade tem de tirar as sortes não como o pai de três, mas de dois filhos. Houve famílias de três filhos em que um se separou, o que é mal pensado, mas agora, olha, dão-lhes razão, e os Dutlov devem sofrer pela sua virtude.

No meio disto tudo, a senhora já não percebia nada — não percebia o que significavam as tais «sortes de dois filhos» nem a «virtude»; ouvia só o som das palavras e observava os botões de nanquim na sobrecasaca do administrador: abotoava-a raramente com o botão de cima, o que estava bem, mas o botão do meio pendia do fio e havia muito que precisava de ser cosido. Contudo, como é sabido por todos, para uma conversa, sobretudo de negócios, é dispensável compreender o que nos dizem, é necessário apenas não esquecermos o que nós próprios queremos dizer. Era deste modo que a senhora também procedia.

— Como é que não percebes, Egor Mikháilovitch? — disse ela. — Não quero de maneira nenhuma que Dutlov seja recrutado. Conheces-me há muito tempo, e suponho que sabes que faço todo o possível para ajudar os meus camponeses e que não lhes quero mal. Sabes bem que

estou pronta a sacrificar tudo para me livrar desta triste necessidade e não mandar à tropa Dutlov nem Khoriúchkin. (Não sei se passou pela cabeça do administrador que, para se livrar desta triste necessidade, não era preciso sacrificar *tudo*, bastava pagar trezentos rublos; mas é muito provável que tivesse esta ideia.) Digo-te só uma coisa: não mando para lá Polikei em caso algum. Quando, depois daquele caso do relógio, ele próprio me confessou tudo, chorou e jurou que se ia corrigir, falei muito com ele e vi que ficou sentido e deu provas de um arrependimento sincero. («Irra, agora já não para!», pensou Egor Mikháilovitch e começou a observar a compota diluída no copo de água da senhora: é de laranja ou de limão? «Deve ser amargosa», pensou.) Desde então, há já sete meses que não bebe uma gota e tem um comportamento exemplar. A mulher dele disse-me que se tornou outro homem. Agora, o que é que queres? Que o castigue quando ele já se corrigiu? Além disso, não achas que é muito desumano mandar para a tropa um pai de cinco filhos, o único homem na família? Não, nem me fales disso, Egor...

E a senhora bebeu do copo.

Egor Mikháilovitch seguiu a passagem do líquido pela garganta e replicou de modo lacónico e seco:

— Então, manda que seja o Dutlov?

A senhora esbracejou.

— Como é que não consegues perceber? Achas que quero mal ao Dutlov, achas que lhe guardo algum rancor? Deus é testemunha, estou pronta a fazer tudo por eles. (Ela olhou para um quadro no canto, mas lembrou-se que não era um ícone: «Não interessa, não se trata disso», pensou. Mais uma vez, era estranho que não lhe surgisse a ideia dos trezentos rublos.) Mas então, o que tenho eu de fazer? Não sei o que fazer. Nem posso saber. Bem, conto contigo, já sabes o que eu quero. Faz com que todos fiquem contentes, e que seja de acordo com a lei. Nada a fazer! Não só eles, mas toda a gente passa por momentos penosos. Só que não podemos mandar o Polikei. Tens de perceber que seria horrível da minha parte.

Teria ainda falado sem fim, estava muito inspirada, mas entretanto uma criada dos quartos entrou.

— O que é, Duniacha?

— Está ali um mujique, disse que perguntasse a Egor Mikháilovitch se a comunidade tinha de esperar — disse Duniacha e olhou com

raiva para Egor Mikháilovitch. («Este administrador! — pensou. — Enervou a senhora, agora ela não me vai deixar dormir outra vez até à uma da manhã.»)

— Então vai, Egor — disse a senhora —, faz o que é melhor.

— Sim, senhora. (Não voltou a falar de Dutlov.) E quanto ao di-
nheiro, quem mando buscá-lo ao jardineiro?

— O Petrucha ainda não voltou da cidade?

— Ainda não.

— E o Nikolai não poderá ir lá?

— O paizinho está acamado por causa dos rins — disse Duniacha.

— Desejará a senhora que vá eu, amanhã? — perguntou o admi-
nistrador.

— Não, preciso de ti aqui. (A senhora ficou pensativa.) Que quan-
tia é?

— 462 rublos.

— Manda o Polikei — disse a senhora, lançando um olhar resolutivo
à cara de Egor Mikháilovitch.

Egor, sem mostrar os dentes, esticou os lábios como que a sorrir, e
o resto da sua cara continuou imperturbável.

— Sim, senhora.

— Que venha falar comigo.

— Sim, senhora — e Egor Mikháilovitch foi para o escritório.

2

Polikei, como homem insignificante e malquisto, ainda por cima oriundo de outra aldeia, não tinha proteção nem por parte da despenseira, nem do administrador ou da criada dos quartos, pelo que a sua habitação (o «canto») era o pior de todos, embora houvesse sete pessoas na sua família — ele, a mulher e os filhos. Os «cantos» foram construídos ainda pelo falecido senhor: numa isbá de pedra, de 30 varas quadradas, havia no meio um fogão russo rodeado pelo *colidor* (assim lhe chamavam os servos domésticos), e todos os cantos eram separados por tabiques. Portanto, o espaço não era grande, sobretudo no canto de Polikei, junto à porta. Uma cama de casal com edredão pespontado e almofadas de chita, um berço, uma mesinha de três per-